



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS - TEL
MONOGRAFIA EM LITERATURA

LUCAS DE OLIVEIRA BRANDÃO
140173081

A solidão presente no beco, uma análise dos poemas: *Poema só para Jaime Ovalle, Poema do beco e a Última canção do beco*, de Manuel Bandeira

ORIENTADOR (a):
ROGERIO DA SILVA LIMA
Brasília - DF
1º/2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais Júlio e Maria, pelo apoio nos momentos difíceis e pela capacidade de encontrar, dentro de mim mesmo, forças para superar as adversidades impostas pela vida.

À meus irmãos, por me fazerem parte de um grupo forte e unido capaz de rir diante dos desafios.

À minha companheira Dalysa, pela compreensão, paciência, revisão e por estar ao meu lado durante a produção deste trabalho mostrando que, mesmo com minhas limitações, posso mais.

Ao professor Rogério da Silva Lima, pela paciência e orientação sem podas.

A todos que de alguma forma fizeram parte deste capítulo da minha vida, muito obrigado!

A solidão é fera, a solidão devora
É amiga das horas, prima-irmã do tempo
E faz nossos relógios caminharem lentos
Causando um descompasso no meu coração

ALCEU VALENÇA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a imagem da solidão presente nos poemas: *Poema só para Jaime Ovalle*, *Poema do beco* e *a Última canção do beco*, do escritor modernista Manuel Bandeira. O critério para a escolha de tais textos foi a imagem solitária do eu lírico e o clima melancólico dos poemas. A eleição de tal tema dentro da obra de tal autor se mostra relevante se tivermos em mente que a solidão é um tema central da condição humana, e que o eu lírico bandeiriano sempre se encontra isolado na posição de observador. A solidão, expressa no recorte aqui apresentado, foge do conceito comum, presente no dicionário *Michaelis*, que diz que solidão é: “*Estado ou condição de pessoa que se sente ou está só; isolamento*”.

A solidão expressa por Bandeira nesse recorte, difere desse conceito e se aproxima da ideia de momento criador ou, possibilidade de potência expressa pelo filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, em *Além do bem e do mal* (*Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*, tradução: Márcio Pugliesi Da Universidade de São Paulo). Para Nietzsche, tudo é vontade de potência e o substrato, o real, deve constituir a existência. O mesmo ocorre, em alguma medida, com a poesia bandeiriana. Segundo o poeta e ensaísta Claudio Neves, a poesia de Bandeira busca revestir de solenidade um episódio cotidiano. Segundo ele, no texto de apresentação da reedição de 2014 do livro *Cinza das Horas* (1917), Manuel Bandeira aprende com Charles Baudelaire que o transitório, o efêmero e o contingente, ou seja, o real, são apenas metade da arte. A outra metade é o eterno e o imutável.

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, nasceu em Recife, Pernambuco, no ano de 1886. Aos 10 anos, muda-se com a família para o Rio de Janeiro. Ingressou no curso de arquitetura da escola politécnica de São Paulo em 1903, mas não concluiu por conta da tuberculose. Os temas tratados na poesia bandeiriana envolvem paixão pela vida, a morte, o amor, o erotismo, a solidão, o cotidiano e a infância. O uso de versos curtos, o arremate final cru e o uso de aliterações tímidas, são características de sua obra.

SOBRE A SOLIDÃO

A solidão, vista na história da filosofia, tem suas primeiras generalizações nas formulações das teorias do Humorismo grego. O filósofo grego Empédocles (c.495-435 a.C)

formula uma teoria que pretende explicar, com base nos elementos básicos da natureza (água,terra,fogo e ar), a existência de todas as substâncias. Hipócrates, “pai da medicina”, desenvolve posteriormente um modelo de diagnóstico baseado nesses elementos. Segundo tal modelo, cada estado de humor seria comandado por um fluido corporal. Hipócrates define, com base na teoria de Empédocles, quatro estados: Fleumático, que seria o indivíduo tímido, calmo, racional e coerente; Colérico, é o indivíduo impetuoso, enérgico; Sanguíneo, é o indivíduo afetuoso alegre e otimista; Melancólico, é o indivíduo triste, medroso, deprimido que prefere, ou está em busca, de ambientes solitários. Tais formulações que, com o avanço da ciência moderna se mostram falsas, servem para ilustrar a busca por uma explicação racional de tais sentimentos. A poesia, assim como outras formas de arte, busca não explicar sentimentos e sim causá-los. Parafraseando o psicólogo norte americano William James, sabemos o significado dos sentimentos, porém ninguém é capaz de defini-los.

Manuel Bandeira nasceu em Recife, Pernambuco, no ano de 1886, porém só nasceu de fato para a vida, segundo ele mesmo, no livro *Itinerário de Pasárgada(1954)*, em Petrópolis, Rio de Janeiro, com idade de 3 anos. O Rio de Janeiro tem papel central no itinerário poético de Bandeira. O autor grava parte das memórias da infância no poema *Infância*, do livro *Belo belo(1948)*. No poema *Infância*, temos várias imagens de episódios da infância do eu lírico passados no Rio de Janeiro: “*E a chácara da Gávea?/E a casa da Rua Don’Ana?/Boy, o primeiro cachorro.*” O autor ficou no Rio até 1892, ano que retornou a Pernambuco para, só aos dez anos, voltar ao Rio. Em 1913, aos 18 anos, o autor embarca para a Europa para tratar da tuberculose. Manuel Bandeira fica internado em um sanatório suíço em Clavadel, de 1913 a 1914. Nesse sanatório conhece o poeta francês Paul Eugène Grindel e o húngaro Charles Picker. Por conta do diagnóstico de tuberculose, o autor passa grande parte da vida desenganado e a doença é uma constante em sua obra, evidente em trechos do primeiro livro, *Cinza das horas(1917)*:“*E nestes versos de angústia rouca,/Assim dos lábios a vida corre,Deixando um acre sabor na boca./– Eu faço versos como quem morre. (Desencanto)*”

Em 1920 o autor perde o pai e, no mesmo ano, se muda para viver sozinho no morro do Curvelo, no Rio de Janeiro. Sobre a morte do pai e a mudança, o autor diz:“*Sem ele eu me sentia definitivamente só. E era só que teria de enfrentar a pobreza e a morte. Quanto ao Morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão quase em ruína, era, pelo lado dos fundos, posto de observação da pobreza mais dura e mais valente, e pelo lado da frente, ao nível da rua, zona de convívio com a garotada sem lei nem rei que*

infestava as minhas janelas,...(Itinerário de Pasárgada(1954) ”. A mudança para o Curvelo e o fato de estar nesse novo ambiente sozinho são decisivos, segundo ele, para o amadurecimento de sua poesia: “Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância. Lá escrevi quatro livros, três de poesias...(Itinerário de Pasárgada(1954)”

A partir da leitura da poesia de Bandeira, é possível ter uma ideia de como o autor trata o tema solidão. Nos poemas analisados, o eu lírico sempre está só contemplando o cotidiano ou, como no caso do poema *Só para Jaime Ovalle*, realizando ações rotineiras que, em um primeiro momento, não aparentam ter relação com seu estado de espírito.

Poema Só para Jaime Ovalle

*Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).*

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.

Então me levantei,

Bebi o café que eu mesmo preparei,

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...

– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

(Estrela da vida inteira, 1993.)

No poema dedicado ao compositor e amigo Jaime Ovalle, o autor brinca com imagens do cotidiano e reflete, por meio destas, o que é estar só. Em tal poema, o eu lírico acorda-se só, observa o tempo e o contempla; “*Chovia uma triste chuva de resignação*”. Em seguida, o eu lírico reflete sobre si mesmo. A auto reflexão é pautada, em todos os versos, no cotidiano. O eu lírico observa o ambiente a sua volta, em seguida bebe o café por ele mesmo preparado e, como em um quadro do pintor americano Edward Hopper, deita-se sozinho para contemplar seus próprios pensamentos. Tais imagens refletem uma certa intimidade com o sentimento de

solidão que, nesse caso, é a fonte de potência, ou a inspiração, para a criação de tal obra. Se partirmos para a análise da estrutura de tal texto, podemos observar a forma livre dos versos e a escolha simples de palavras que resultam na criação de uma imagem simples, porém poderosa, do que é estar só. O Psicanalista francês Jacques Lacan diz, no seminário livro 4, que o real é aquilo que foge às palavras, porém, em *Bandeira*, o real encontra, por meio das palavras, outras formas de significar. No poema *a Jaime ovale*, essa ressignificação se dá pelo exercício cru das atividades cotidianas: “*Bebi o café que eu mesmo preparei/Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...*”. Não existe, em uma primeira leitura, ligação entre o cotidiano descrito e o estado de espírito do eu lírico. O mesmo não ocorre no verso de desfecho: “*– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.*” Tal verso, em conjunto com todo o poema, expressa algo que o eu lírico sente em um momento solitário.

No curta-metragem, *O poeta do castelo*, do cineasta Joaquim Pereira de Andrade, temos acesso a um pequeno fragmento do cotidiano da vida do autor. Assim como no poema *a Jaime ovale*, vemos um sujeito realizando atividades rotineiras. Observamos seu caminhar tímido e solitário pela rua, o rosto sempre sério, a paisagem urbana do Rio de Janeiro e um pouco da vista da janela, que dá para um beco. Através de tal obra, podemos observar o ambiente solitário no qual o artista vive e como tal ambiente ecoa em seus versos. No poema *do beco*, de 1933, temos um eu lírico que observa a paisagem e faz questionamentos:

Poema do Beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?

– O que eu vejo é o beco.

1933

Em tal poema, produzido a partir da observação do beco em *Morais e Vale*, local onde *Bandeira* vai morar após deixar o *Curvelo*, o eu lírico rejeita a *Igreja da Glória* e a *linha do horizonte*, elementos da paisagem mais interessantes aos olhos que o beco. O beco aqui representa, além da realidade imediata, uma ideia de vazio; uma realidade que se impõe ao sujeito que a observa e, mesmo com outros estímulos mais interessantes, prende sua atenção, ao mesmo tempo que o esmaga e o traz de volta à realidade inevitável, resumida na frase do

cinasta norte americano Orson Wells: *“Nós nascemos sozinhos, vivemos sozinhos e morremos sozinhos. Somente através do amor e das amizades é que podemos criar a ilusão, durante um momento, de que não estamos sozinhos.”*(Citado em *"Revista literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais", Volume 27, Edição 25 - página 30, Universidade Federal de Minas Gerais, 1993*)

Em tal ideia, o homem, mesmo recebendo estímulos externos, está sozinho consigo mesmo o tempo todo. Ou seja, o beco, ou a solidão representada pelo beco, é uma metáfora ligada à incapacidade de completude nos estímulos externos. A paisagem, o bairro da Glória, a baía e a linha do horizonte, apenas distraem a realidade imediata que é o beco. Um beco é, segundo o dicionário Aurélio, uma rua estreita e curta, geralmente sem saída, onde a locomoção ocorre de modo diferente de uma avenida ou rua larga. No poema, o eu lírico não transita e nem descreve o beco. O beco é o que ele observa sem compartilhar com o leitor. Os versos, assim como no poema *Só para Jaime ovalle*, são livres, e o questionamento do verso inicial *“Que importa a paisagem ...”* é colocado em contraponto com o imediato, o beco. Sobre tal paisagem, o autor comenta em seu livro de memórias: *“Da janela do meu quarto em Morais e Vale podia eu contemplar a paisagem, não como fazia do Morro do Curvelo, sobranceiramente, mas como que de dentro dela: as copas das árvores do Passeio Público, os pátios do Convento do Carmo, a baía, a capelinha da Glória do Outeiro... No entanto quando chegava à janela, o que me retinha os olhos, e a meditação, não era nada disso: era o becozinho sujo embaixo, onde vivia tanta gente pobre... (Itinerário de Pasárgada (1954, p. 42))”*

Sendo a poesia, segundo o teórico francês Henri Meschonnic (*Linguagem Ritmo e Vida, 2006 p.4*), uma forma de expressão do sujeito por meio da linguagem, mais importa o incomunicado do que o dito, e muito mais o como é dito do que o dito. Partindo de tal ideia, encontramos no poema uma lacuna preenchida por nossa própria ideia de beco, uma lacuna onde encontramos, junto com o eu lírico, nossa própria incompletude.

O poema do beco e a Última canção do beco, apresentam um eu lírico observador, entrosado e sempre atento ao ambiente que o rodeia. No curta de Joaquim Pereira de Andrade, podemos ter uma pequena noção do ambiente que rodeia o autor e como esse o observa. No curta, o autor realiza atividades de rotina, escreve, lê alguns trabalhos e observa a cidade enquanto caminha. Podemos ver o beco, uma passagem estreita entre dois prédios para onde a janela do apartamento do autor dá. Nota-se que o autor realizava refeições sozinho olhando para o beco. O beco é, além das representações metafóricas da poesia, um lugar real que é

parte da rotina do autor. Em a Última canção do beco, publicado em 1944, fazendo parte do *Lira dos Cinquenta Anos*, temos uma continuação dessa observação do beco:

Última Canção do Beco

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!
Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar.
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!
Beco de sarças de fogo,
E paixões sem amanhã,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!
Beco das minhas tristeza.
Não me envergonhei de ti!

Foste rua de mulheres?
Todas são filhas de Deus!
Dantes foram carmelitas...
E eras só de pobres quando,
 Pobre, vim morar aqui.
Lapa - Lapa do Desterro -,
 Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
 A conceição de Maria,
 Que graças angelicais!)
Nossa Senhora do Carmo,
 De lá de cima do altar,
Pede esmolas para os pobres,
- Para mulheres tão tristes,
 Para mulheres tão negras,
Que vêm nas portas do templo
 De noite se agasalhar.
Beco que nasceste à sombra
 De paredes conventuais,
És como a vida, que é santa
 Pesar de todas as quedas.
Por isso te amei constante,
 E canto para dizer-te
 Adeus para nunca mais!

A imagem do sujeito que encara o beco e, a partir dessa realidade compõe o poema, é uma característica da poesia bandeiriana resumida, pelo próprio autor, em seu livro de memórias literárias, *Itinerário de pasárgada*, que diz: “ *não faço poesia quando quero e sim quando ela, poesia, quer...*”. Partindo de tal frase, podemos observar no poema que o eu poético tece uma série de reflexões sobre sua existência e realizações a partir da observação do beco: “*Beco que cantei num dístico/ Cheio de elipses mentais/ Beco das minhas tristezas/ Das minhas perplexidades*”. Em tais reflexões, que partem do passado que o eu lírico teve com o beco, podemos perceber que o beco, “*local de minhas tristezas*”, também proporciona boas memórias e paixões ao eu lírico. Segundo Mariângela Alonso e Michelle Aranda Facchin, o eu lírico assume, nos versos, “*Beco que nasceste à sombra/ De paredes conventuais,/ És como a vida, que é santa/ Pesar de todas as quedas*”, que o beco é uma representação da vida do eu lírico. A partir de tal comparação, podemos perceber que o beco é o espaço que, mesmo estreito, escuro e cheio de elipses mentais, é o local onde as paixões e os pesares encontram voz. O beco aqui é a montanha do Zaratustra de Nietzsche; é o local onde o sujeito, cheio do mundo, se isola para, junto com suas alegrias e tristezas, pensar.

“*Vão demolir esta casa*”, diz o eu lírico. O beco deixará de existir, porém, o quarto, e as lembranças do eu lírico, ainda seguem existindo, segundo ele, em “*um mundo de aparências*”. Podemos perceber no poema um tom de despedida carregado de nostalgia em relação às memórias e acontecimentos ali ocorridos. Em tal poema, o eu poético faz reflexões em relação ao bairro da Lapa e, já no início do desfecho, inicia em tom de despedida uma reflexão sobre a vida e a morte. Tal reflexão, pautada na imagem do beco, é fruto da comparação deste com a vida. Sendo a vida, segundo o próprio eu lírico, um lugar de sofrimento e alegria, como o beco, a comparação com tal imagem nos revela a existência de um deslumbramento com o real, com as atividades cotidianas que, em algum momento, como defende a Psicologia ambiental, influenciam e são influenciadas pelo sujeito. O fim da vida e, por conseguinte, o fim do beco, revelam a ideia de fugacidade e descontrole do real. A ilusão de manter tais imagens “*suspensas no ar*” se revela nos versos: “*Mas meu quarto vai ficar./Vai ficar na eternidade,*”.

A eleição do beco ou de imagens cotidianas puras para expressar sentimentos é uma característica da poesia de Manuel Bandeira que encontrava, segundo a professora da UFRJ e amiga pessoal do autor, Cleonice Berardinelli, momentos poéticos em acontecimentos no dia a dia, ou seja, potência em busca de potência. A busca solitária por momentos poéticos no cotidiano reflete, nas imagens do *Poema do Beco* e do poema a *Jaime Ovalle*, um sujeito

solitário que reflete sobre si e suas memórias enquanto deixa transparecer sua solidão por meio da poesia.

considerações finais

Tendo por base os argumentos aqui apresentados, conclui-se que o eu lírico bandeirariano expressa, por meio das imagens do cotidiano e da figura do beco, o sentimento de solidão, de humor melancólico definido pelos gregos. Os bairros do Rio de Janeiro, usados como pano de fundo e fonte de inspiração para criação de tais textos, têm grande influência na escrita do autor e são, como o próprio autor gostava de chamar as imagens centrais de sua obra, chaves para a tentativa de retomada dos significados criptografados nas palavras simples de seus poemas.

As imagens aqui analisadas ressaltam que, embora seja capaz de transformar seus sentimentos em poesia, Manuel Bandeira não é capaz, assim como outros seres humanos, de propor um caminho para solucionar o problema relacionado à própria solidão, porém, o que fica evidente nos versos e na biografia do autor, é que, mesmo diante de tais sentimentos e desafios, nunca existiu a mínima vontade de sucumbir diante das adversidades. O que existe é uma grande vontade de criar, a partir da própria realidade, arte.

Referências

ALONSO; FACCHIN , Mariângela; Michelle A. **Heranças penumbristas no poema Última Canção do Beco, de Manuel Bandeira**, Revista Letras Fafibe – n.2 – maio/2011

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**, São Paulo: editora *Global*, 2014.

BARROS MELO, José Eduardo Martins de. **O espaço da solidão em Manuel Bandeira**, revista *Alere*: A no 1 1, Vol. 18 , N.o 0 2 p.81 , De z. 2 01 8.

BECO IN DICIO. AURÉLIO, Dicionário Aurélio da língua portuguesa 5º edição online. acessado: 27/10/2021

CLEONICE BERARDINELLI FALA SOBRE MANUEL BANDEIRA. entrevistador: Edney Silvestre, 2009/ 7ª Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP, Brasil: Disponível:<https://www.youtube.com/watch?v=KlutFmMz_wM> acessado em: 27/10/21

FORESTI, Nara Boneti. **Dos espaços poéticos em Manuel Bandeira: O beco**, Anuário de Literatura 8, 2000, p. 137-156.

LIMA PIVA, Paulo Jonas. **BRUM, José Thomaz. Nietzsche: As artes do intelecto, L&PM, 1986.** Argumentos, ano 5, n. 9 - Fortaleza, jan./jun. 2013

LIMA ALVES;BASSANI, Maria Cherubina; Marlise Aparecida. **A psicologia ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa-ambiente.** disponível:<<https://legacy.unifacef.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Marlise%20e%20Maria%20Cherubina.pdf>>acessado:27/10/2021

MESCHONNIC, Henri. **Linguagem Ritmo e Vida**, Belo Horizonte FALE/UFMG 2006 p.4

NEVES, Claudio. **Como nasce um clássico**, A cinza das horas, Manuel Bandeira, Global,2014

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**, Tradução: Márcio Pugliesi Da Universidade de São Paulo, Hemus livraria, distribuidora e editora S.A

O POETA DO CASTELO. Direção: Joaquim Pereira de Andrade. Produção: Sergio Montagna. Brasil, 1959: Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=kFB2WQWniyM&t=142s>> acessado em: 27/10/2021

SOLIDÃO IN DICIO. MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-s-brasileiro/solid%C3%A3o/>>. acessado: 27/10/2021